

**As missões francesas na criação da Universidade de São Paulo:  
uma análise dos relatos e seus significados nos anuários  
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1934-1949)**

ANA BEATRIZ FELTRAN MAIA\*

*Introdução*

Neste trabalho tenho como objetivo analisar o papel que foi atribuído aos professores estrangeiros vindos para o Brasil para ocupar as cadeiras da recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) a partir de 1934, nos registros da própria faculdade, delineando como elas foram concebidas dentro do projeto da criação da Universidade de São Paulo. Para tanto, o viés escolhido foi a análise do discurso institucional, contido nos Anuários da Faculdade, que me possibilitou investigar de que modo os idealizadores do projeto da Universidade concebiam a importância dos professores estrangeiros no momento de criação e nos primeiros anos da instituição.

Para que se compreenda o contexto ideológico no qual as missões estrangeiras para a Universidade de São Paulo estão inseridas, é preciso delimitar as relações pré-existentes entre os agentes fundadores da universidade com o meio político. Irene Cardoso pesquisa minuciosamente as tramas nas quais Júlio de Mesquita Filho, um dos idealizadores da Universidade de São Paulo, e o “grupo do *Estado*” estavam politicamente envolvidos, principalmente nas décadas de 1920 e 1930, expressas publicamente pelos editoriais de *O Estado de S. Paulo*. Dentre elas estão os projetos do jornal em relação à defesa de um determinado tipo de educação, que foi abordada em campanhas e inquéritos sobre a situação educacional do país. Segundo a autora, a educação tinha um papel decisivo no desenrolar do projeto político de um grupo seletivo de homens que atuam no jornal como formadores de opinião. São os homens do “grupo do *Estado*”, que congregava alguns intelectuais orgânicos da oligarquia cafeeira e uma ala dissidente que se autodenominava democrática. Esse grupo utilizava o jornal para defender e fazer circular posições políticas de um grupo político ideológico suprapartidário intitulado de Comunhão Paulista, que continha republicanos do antigo

---

\* Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na área temática de História da Educação e Historiografia, Agência financiadora CNPq.

Partido Republicano Paulista (PRP) e do novo Partido Democrático (PD) no período de crise da República Velha.

Com relação à educação, a Comunhão Paulista tinha projetos bem claros e que estavam diretamente ligados a um projeto de “regeneração política” nacional. Um caso exemplar deste poder de articulação entre grande imprensa e política é o *Inquérito sobre a Instrução Pública em São Paulo* de 1926, encomendado por Júlio de Mesquita Filho para o jornal e organizado por Fernando de Azevedo. Este inquérito trouxe uma das bases para a política educacional do grupo, que culminará na “campanha pela Universidade” e na própria fundação da Universidade de São Paulo, em 1934. A criação da Universidade de São Paulo é um projeto político ideológico de construção de uma nova sociedade democrática, baseada na ciência e na alta cultura e liderada por uma elite intelectual nela formada.

Desta forma, analiso uma das maneiras encontradas pelos criadores da USP para realizarem este projeto ideológico e político: a contratação de professores estrangeiros para as primeiras cadeiras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Razões de ordem política, ideológica e científica são apontadas nesta análise. Abordarei alguns aspectos que caracterizaram as missões estrangeiras vindas para a USP, e em especial as francesas, a fim de compreender a posição desses professores dentro do campo científico nacional no período. A intenção não é traçar como foi o trabalho desses professores durante os anos aqui vividos, mas sim entender qual o papel atribuído a eles no projeto maior da criação da Universidade, e conseqüentemente, no campo científico nacional.

Para tanto, trabalhei com o conceito de campo, conforme exposto por Pierre Bourdieu, em *Os usos sociais da ciência – por uma sociologia clínica do campo científico*.

### *O corpus documental e suas especificidades*

Foram lidos e analisados os Anuários da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, dos anos de 1934 a 1949. As fontes estão disponíveis

para consulta nas Bibliotecas da Faculdade de Educação e Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, onde foram examinadas. A coleção dos anuários, segundo as referências do sistema das bibliotecas, é constituída de exemplares que vão de 1934 a 1952. Porém, nas duas bibliotecas não foram encontrados o exemplar de 1952 para análise. Seguindo uma lógica interna à proposta pesquisa, foram selecionados os exemplares de 1934 a 1949, pois nestes estão contidos as principais informações e dados sobre a atuação dos professores estrangeiros franceses na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, logo que estes iniciam, em sua maioria, um processo de retorno à Europa durante a década de 1940, devido principalmente aos efeitos da Segunda Guerra Mundial. Esta datação também se relaciona ao contexto político e científico internacional pós 1945. De acordo com Patrick Petitjean

*“Após a Segunda Guerra, as relações científicas internacionais passam para outro quadro: o da big science, da hegemonia científica americana, e da finalização de uma etapa importante na construção institucional e política da ciência brasileira, marcada pela criação do CNPq. Não há mais modelo francês, mesmo não tendo desaparecido a atração cultural e intelectual” (Petitjean, 1996:39).*

Se nos determos com maior atenção às datas das publicações dos anuários, percebemos que eles não foram feitos ao fim de cada ano letivo da FFCL. O primeiro anuário (1934-1935) somente é publicado em 1937, no mesmo ano que o segundo (1936). O terceiro (1937-38) é publicado no ano de 1938, e por isso incompleto, de acordo com o que consta em sua apresentação. Os quarto e quinto anuários (1939-1949) são dois volumes retrospectivos, publicados em 1953, após a publicação dos anuários de 1950 e 1951 (Universidade de São Paulo, 1953, v.I:2).

Essas publicações não tiveram, pois, uma periodicidade linear e regular, o que possibilita formular algumas hipóteses. Possivelmente, a necessidade de criar o primeiro anuário apareceu posteriormente ao primeiro ano de funcionamento da Faculdade, e ele foi utilizado como um instrumento laudatório do projeto de criação da Universidade de São Paulo, junto à criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, idealizado por Julio de Mesquita Filho e o “grupo do Estado”. Por suas características, esta coleção de

documentos aproxima-se das chamadas poliantéias. Conforme afirma Sérgio Miceli em *A elite eclesiástica brasileira, as poliantéias*

*“constituem um gênero extremado de apologia organizacional, concedendo aos prelados um tratamento honorífico idêntico àquele de que já desfrutaram as grandes sumidades do episcopado europeu [...] incluem um escoreço biográfico do prelado [...] a que seguem trechos de suas pastorais e textos encomiásticos de autoria de altas autoridades civis e eclesiásticas (Miceli, 1988:52-53).*

De acordo com o anuário

*“pareceu à Direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, realmente, que seria necessário fixar, no primeiro número do seu anuário, o trabalho efetuado para a instalação, no país, da primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em moldes amplos e com profundo espírito universitário”(Universidade de São Paulo, 1937:7).*

Pela leitura do primeiro anuário fica evidente a intenção de louvar determinadas personalidades, como os construtores do projeto da universidade, o interventor Armando Salles de Oliveira, o governo do Estado, o primeiro diretor da Faculdade, Teodoro Ramos e os professores contratados. Os discursos são repletos de adjetivos glorificantes, que são postos para legitimar a fundação da universidade, suas funções e objetivos iniciais. Assim como nas poliantéias, os anuários são documentos de construção de uma memória oficial laudatória.

Outro detalhe analisado no anuário de 1936 nos permite perceber esta preocupação póstuma. No anuário de 1934-1935, os professores das cadeiras escreveram relatórios sobre a organização e o funcionamento do programa que estiveram lecionando, apontando pontos positivos e falhas. Também escreveram sobre o que pensavam sobre o ensino secundário, deram sugestões para a melhora da qualidade dos cursos da FFCL e, se possível, também dos secundários, já que tanto receberam egressos desse ensino, como estavam formando futuros professores secundaristas. Esta demanda, que supostamente foi feita no período de 1934 a 1935, é posterior a estes anos. No anuário de 1936, também publicado em 1937, em um relato sobre uma reunião do Conselho Universitário foi demandado aos professores estrangeiros que criassem esses relatórios

sobre as questões citadas. Fica nítido que tais relatórios, fabricados em 1936, foram postos deliberadamente no anuário de 1934-1935, pois são parte importante do registro do início dos cursos e das primeiras impressões dos professores sobre a instituição e seus estudantes (Universidade de São Paulo,1937:86).

Com relação às publicações retrospectivas de 1953, a irregularidade de publicação fica mais evidente. Percebemos que durante os anos de 1939 a 1949 os anuários não foram feitos e os documentos referentes ao período tiveram que ser resgatados e selecionados em 1953. Por este longo lapso de publicação anual, os anuários de 1939 a 1949 são visivelmente incompletos e mais resumidos que os anteriores. Esta afirmação está dita na apresentação do volume I:

*“Este Anuário é muito mais incompleto do que os publicados anteriormente pela SECCÃO DE PUBLICAÇÕES (referentes aos anos de 1950 e 1951), pela simples razão de que é um Anuário retrospectivo. Ele abrange mais de um decênio (1939-1949) e só foi compilado agora. Assim, muitos dados estão incompletos e alguns não foram mais encontrados; daí as falhas que desde já reconhecemos” (Universidade de São Paulo, 1953:2).*

#### *A história dos professores estrangeiros na formação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*

De acordo com o Anuário de 1934-1935, para a composição do corpo docente da FFCL entendeu-se que seria preciso buscar professores estrangeiros, além dos nacionais. “Contratados pelo Governo de São Paulo, vieram ocupar as suas cátedras eminentes professores nacionais e estrangeiros, aos quais coube a tarefa de dar vida à recém-criada Faculdade” (Universidade de São Paulo,1937:7). Com efeito, de acordo com Petitjean, “professores estrangeiros constituíram a maior parte do corpo docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) durante os primeiros anos da USP”(Petitjean,1996:259). O anuário de 1934-1935 retrata como foi a busca por estes professores:

*“[...] preparávamos a abertura dos cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para cuja direção foi nomeado o professor Teodoro Augusto Ramos, da Escola Politécnica e que, designado pelo Governo,*

*seguiu para a Europa, onde teve entendimentos com os governos da França, Itália e Alemanha, em virtude dos quais pode o Governo de São Paulo contratar, em magníficas condições, eminentes professores, algumas das maiores notabilidades nos diversos ramos do ensino”(Universidade de São Paulo,1937:216).*

Ao contrário da fala oficial do anuário, Petitjean demonstrou, principalmente por meio de correspondências entre Teodoro Ramos, Georges Dumas, cientista e diplomata que fez a intermediações entre os representantes do governo paulista e os cientistas nas universidades francesas, e o diplomata Jean Marx, que a escolha e a contratação dos professores não foi feita em *magníficas condições*, mas sim com dificuldades em relação à seleção de professores, desejados mas não interessados em vir para o Brasil, conflitos em relação aos salários e benefícios e tempo curto para as contratações e vindas. Bruno Bontempi Jr. comenta que

*“O trabalho de Petitjean (1996), beneficiado tanto pelo ineditismo das fontes que lança mão quanto pelo seu distanciamento de estrangeiro, mostra que a história das escolhas, formação e estada das missões francesas no Brasil tem bem mais contradições do que a “fala nativa” permite compreender. Entre outras coisas, Petitjean mostra que os administradores da Universidade não tiveram controle absoluto das nomeações e contratações”(Bontempi Jr,2001:47).*

A escolha por professores estrangeiros tem profundas relações com o que os administradores e idealizadores da FFCL entendem por sua função política e científica. De acordo com o Anuário,

*“A esse papel de imensa projeção no cenário nacional, é que se reserva o futuro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Será a retorta miraculosa em que se operará a transformação. Dos seus anfiteatros, dos seus gabinetes, dos seus laboratórios, das suas salas de conferência, é que sairão as gerações destinadas à renovação cultural e a colocar bem alto o Brasil no círculo dos povos civilizados (Universidade de São Paulo,1937:18).*

No projeto dos idealizadores da USP, a ciência moderna está caracterizada por estar a serviço do ensino voltado para a formação de professores secundários e principalmente para a formação de especialista, para o desenvolvimento de pesquisas

“desinteressadas”, de “pesquisa pura”, não aplicável imediatamente (ao contrário dos conhecimentos voltados para as áreas de formação profissional). Desta forma estaria garantida a criação da “alta cultura” brasileira, que seria levada ao resto da população através dos professores secundaristas, de conferências e cursos de extensão universitária.

Os cientistas estrangeiros gozavam de uma posição específica no campo científico nacional, e sua posição pode ser demarcada pelas falas dos outros agentes do campo, no caso, dos idealizadores e administradores da FFCL. Aos professores estrangeiros era creditado um capital científico superior aos da maior parte dos professores nacionais, que no geral se caracterizam pelo autodidatismo e pela formação apenas secundária. Os estrangeiros seriam, neste discurso, mais preparados, pois estudaram e se formaram em escolas superiores de alta cultura. Eles eram capacitados a realizar um ensino satisfatório, mas principalmente, a orientar e formar uma elite intelectual brasileira por meio do desenvolvimento de pesquisas “desinteressadas”.

O discurso oficial da FFCL confirma o posicionamento privilegiado dos professores estrangeiros no contexto da universidade. Conforme consta no anuário de 1937-1938,

*“esta prática de recorrer aos mestres estrangeiros para provimento da maioria das cátedras da nossa Faculdade foi a melhor medida adotada na fundação deste estabelecimento de ensino. As primeiras escolas deste gênero a serem criadas no país têm de apelar para este processo. Só assim poderão os cursos serem entregues a professores que receberam sua formação em organizações similares já existentes no novo e no velho mundo”*  
(Universidade de São Paulo, 1938:190).

Esta estrutura vai ao encontro do discurso criado pelos fundadores da FFCL, que segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz

*“parte-se implicitamente do princípio de que o Brasil, tendo entrado tarde para o conjunto das nações de civilização ocidental, entre as quais floresceram as ciências, se vira impedido de desenvolver proposições cientificamente válidas, a não ser quando ensinadas por mestres vindos do exterior; dessa forma, antes da organização do ensino sistemático na área do conhecimento que se chamou das ciências humanas e sociais, nenhuma contribuição nacional teria sido efetivamente válida. Os cientistas*

*estrangeiros, isso sim, haviam trazido consigo conhecimentos de valor e práticas inovadoras, que transmitiam aos nacionais, capacitando-os a analisar os dados do real para diagnosticar com mais acerto processos sociais em curso e talvez, aventar alguma solução possível a problemas intrincados (1996:229-230)<sup>1</sup>.*

Por estes motivos, os criadores da FFCL decidiram buscar na Europa os docentes que eles consideravam portadores das características necessárias para fazer-se cumprir os principais objetivos da universidade: formar um quadro de docentes, técnicos e pesquisadores de ciência “desinteressada”. Desta forma “é, assim, principalmente (mas não unicamente) em direção à França que as elites brasileiras se voltam, para aí, procurar os moldes de instituições científicas, os últimos livros científicos [...] e os especialistas”(Petitjean,1996:34).

#### *Os professores franceses nas Ciências Humanas*

As contratações de professores para as cadeiras de Ciências Humanas na FFCL têm uma característica importante: essas cadeiras deveriam, de acordo com a vontade e crença de Júlio de Mesquita Filho, ser ocupadas por docentes franceses. A escolha se justifica. De acordo com uma explicação *a posteriori* de Paulo Duarte em um artigo publicado em 25 de janeiro de 1947 em *O Estado de S. Paulo* “era necessário reservar para a França as cadeiras que *ensinam a pensar* – e jamais confiar uma tal missão aos representantes dos países totalitários”(Apud Petitjean,1996:261-262). Esta escolha está relacionada à extrema preocupação do mentor Júlio de Mesquita Filho de garantir a promoção do pensamento político liberal na universidade. Em uma explicação, também *a posteriori*, de Mesquita Filho “a escolha dos professores era feita para promover a todo custo este liberalismo [...], aos franceses, líderes da democracia liberal, aquelas (cadeiras) de que depende diretamente a formação espiritual dos futuros alunos” (Apud Petitjean,1996:262).

---

<sup>1</sup> A autora, em seu artigo, critica essa noção comum sobre os trabalhos e atuações dos cientistas franceses no Brasil, apontando que estes desenvolveram seus trabalhos acadêmicos utilizando-se de trabalhos de autores nacionais e de pesquisas de campo feitas no Brasil.

Desta maneira, foram constituídas as missões francesas para a USP, que segundo Petitjean têm três fases: a primeira de 1934, a segunda de 1935 a 1937, e a terceira de 1938 a 1940. A primeira missão foi marcada pela contratação de três professores universitários (Émile Coornaert, Robert Garric e Pierre Deffontaines), um professor assistente (Paul Arbousse-Bastide) e dois professores efetivos de colégios (Étienne Borne e Michel Berveiller). A missão estava longe de ser a esperada por Teodoro Ramos, pois nela não constavam professores notáveis do Instituto de Alta Cultura. Tratou-se de uma delegação transitória, pois a maior parte não almejava de fato ficar no Brasil durante três anos, tempo desejado pelos administradores da FFCL. Era, em média, uma missão jovem.

A segunda missão caracterizou-se pelas substituições dos professores que não renovaram o seu contrato em 1935(quatro professores) e pela escolha de mais um para a segunda cadeira de Sociologia recém-criada. Segundo Petitjean, para a constituição dessa missão as ligações pessoais de Georges Dumas tiveram papel determinante. A delegação foi em média mais jovem que a primeira, constituída por jovens professores efetivos de liceus de províncias. Esta missão rompe radicalmente com uma antiga tradição de relações científicas e diplomáticas entre Brasil e França, que se caracterizava pela vinda de professores mais velhos, renomados e com posições mais altas na hierarquia institucional de ensino. Foram contratados Pierre Monbeig, Fernand Braudel, Pierre Hourcarde, Jean Maugué e Claude Lévi-Strauss. Esta missão foi a de maior duração, pois a maioria cumpriu os três anos e ficaram por mais tempo, até meados dos anos de 1940. Porém, também se caracterizou por ser agitada, repleta de conflitos permanente de ordem pessoal, material e pedagógica. François Perroux é contratado em 1936, um renomado professor universitário, mas ficará apenas por um ano. Em 1937, Réne Courtin o substitui.

Na terceira missão, a renovação dos contratos são difíceis, pois em consequência do regime do Estado Novo, Júlio de Mesquita Filho já não possui mais a influência política que tinha em São Paulo. Nesta época os franceses entram em desprestígio em detrimento dos professores italianos e alemães, vindos de países de regimes ditatoriais, semelhantes ao regime do Brasil. Entram, em 1938, Jean Gagé, Pierre Fromont, Alfredo

Bonzon e Roger Bastide. Em 1939, é contratado Paul Hugon. Com o início da Segunda Guerra as substituições estancaram-se e a missão entra em um período de estabilidade.

### *Os professores franceses, a cultura geral e a questão do método científico*

Pela leitura dos anuários foi possível perceber, nos relatórios de alguns professores franceses, suas preocupações com relação à deficiente cultura geral da maior parte dos alunos, principalmente daqueles que entraram a partir de 1935 por um sistema de comissionamentos e bolsas promovidas pelo Governo do Estado para professores de primário e secundário e para alunos pobres. Segundo o relato de Fernand Braudel “falta aos estudantes paulistas, muitas vezes, uma cultura geral de base, sem a qual é difícil progredir com rapidez” (Universidade de São Paulo, 1937:117). E continua:

*“Recomendávamos ainda há pouco a cultura geral. Sabe-se entretanto que ela é apenas um meio, e apenas isso. Dispersar o espírito, abri-lo para novos horizontes – sim, – mas para concentrar depois com todas as riquezas adquiridas, com todas a sua dureza e eficiência sobre uma tarefa vigorosa e que seja particular” (Universidade de São Paulo, 1937:120).*

A questão do método científico, tão louvado pelos idealizadores da FFCL como um dos elementos indispensáveis para o progresso da ciência, é uma característica do capital científico esperado dos professores franceses para ser ensinado aos brasileiros. No relatório de Pierre Monbeig, o professor critica a forma como está estruturado o programa do curso de Geografia, sendo contrário a sua generalidade.

*“Mas uma geografia unicamente geral não é toda a geografia: o estudante, depois de estudar, durante três anos, exclusivamente os fatos gerais, não terá chegado a adquirir a disciplina de espírito, o método de trabalho e o rigor que os estudos regionais lhe poderiam proporcionar [...] Se a Faculdade deve sempre buscar oferecer elementos para o ensino secundário e, ao mesmo tempo, desenvolver as vocações de pesquisadores especializados, tudo deve ser feito de forma que discipline os espíritos, e os habitue ao método, à sabedoria e à prudência” (Universidade de São Paulo, 1937:107-108).*

Fernand Braudel tem considerações semelhantes:

*“Os nossos estudantes, mesmo os melhores – tem uma forte tendência para filosofar sem o saber. Disciplinados neste domínio, desembaraçaram os seus trabalhos da névoa que aí se introduz sob o nome de idéia geral. Segundo a velha fórmula é preciso pensar o próprio pensamento” (Universidade de São Paulo, 1937:117).*

### *A continuidade do método científico: a importância dos professores assistentes*

Como foi possível verificar, a questão do método científico se impõe. A vinda das missões tem por base sua aquisição em solo nacional e desta forma desponta a figura dos professores assistentes como elementos centrais para a continuidade deste saber e sua propagação nos meios acadêmicos nacionais. A idéia central, deste a primeira contratação de professores estrangeiros, foi de trazer este conhecimento para o Brasil para que os estudantes o aprendessem e formassem, no futuro, os quadros das universidades no lugar desses professores. O relatório ao Reitor, feito pelo diretor da FFCL Ernesto de Souza Campos, resume bem o que era esperado:

*“os assistentes, pois, embora a feição particular do trabalho que deverão desempenhar, são também escolares destinados a manter e engrandecer o trabalho dos professores a que se associam.[...] São elementos que devem absorver a experiência e o saber dos mestres.[...] Escolheu para isto mestres de reconhecida competência e vasta experiência no domínio do ensino e da pesquisa original. Estes notáveis mestres não permanecerão por muito tempo em nosso país, salvo talvez algumas exceções. É necessário pois tirar o máximo proveito do seu saber .Deve além disso e principalmente se fixar no preparo de assistentes que possam futuramente continuar, propagar e difundir os ensinamentos colhidos na convivência diária e forçada que tem com os professores.[...] Contratar professores no estrangeiro e não lhes dar assistentes em número regular, é a meu ver, um erro grave.[...] No preparo destes assistentes é que se irão constituir as fontes onde poderão ser recrutados não só os professores, futuros substitutos dos atuais, como ainda técnicos de alto valor para outros setores, da complexa organização do Estado ” (Universidade de São Paulo,1938:152-153).*

### *Considerações finais*

Este exercício de investigação e análise deve ser considerado como um ponto de partida para uma pesquisa mais aprofundada sobre o assunto. Entretanto algumas definições nele apontadas nos levam a entender como os professores estrangeiros, em especial os franceses, estavam inseridos de modo privilegiado no projeto de criação da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. As expectativas em torno de suas atuações por parte dos idealizadores e administradores da instituição fornece a importância que lhes era dada no projeto dos fundadores.

Os professores estrangeiros garantiriam o ingresso do país no grupo das civilizações ocidentais. Os franceses, particularmente, afiançariam os métodos e os conhecimentos necessários para tal, através da construção das ciências humanas no país com bases em uma “ciência pura” e “desinteressada”, derivada da “alta cultura”. O sistema se completa com a absorção destes conhecimentos e métodos pelos professores assistentes brasileiros, encarregados de propagá-los e de no futuro substituir seus mestres nas cátedras das universidades. Desta forma, o projeto liberal de “regeneração política” nacional da Comunhão Paulista estaria alicerçado e seria progressivamente implantado pelas mãos dos jovens licenciados, pesquisadores e professores formados pela filosofia e pelo conhecimento difundidos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Os professores franceses são, no campo das ciências humanas, peça chave para que os projetos de universidade e de nação criados pelos fundadores da USP entrem em funcionamento e se disseminem nos campos científico e político brasileiros.

### *Referências bibliográficas*

BONTEMPI JR., Bruno. *A cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa*, 2001. (Tese de doutorado. PUC/SP)

CARDOSO, Irene R.. *A universidade da Comunhão Paulista. O projeto de criação da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Editores Associados/Cortez, 1982.

MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

QUEIROZ, Maria Isaura PEREIRA DE. O Brasil dos cientistas sociais não brasileiros. In: HAMBURGUER, Amélia I.(org.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp.1996, página inicial do artigo, página final do artigo.

PETITJEAN, Patrick . As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo(1934-1940). In: HAMBURGUER, Amélia I.(org.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp.1996.

\_\_\_\_\_. Ciências, impérios, relações científicas franco-brasileiras. In: HAMBURGUER, Amélia I.(org.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp.1996.

\_\_\_\_\_. Entre ciência e diplomacia: a organização da influência científica francesa na América Latina, (1900-1940). In: HAMBURGUER, Amélia I.(org.). *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp.1996.

#### *Fontes*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS. 1937. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1935)*. São Paulo: Revista dos Tribunais.

\_\_\_\_\_. 1937. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1936)*. São Paulo: Revista dos Tribunais.

\_\_\_\_\_. 1938. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1937-1938)*. São Paulo: Revista dos Tribunais.

\_\_\_\_\_. 1953. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1939-1949)*. Vol.I. São Paulo: Seção de Publicação da USP.

\_\_\_\_\_. 1953. *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1939-1949)*. Vol.II. São Paulo: Seção de Publicação da USP.